

---

# INTERSECCIONALIDADE E POLÍTICAS DO CUIDADO EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA: ENTREVISTA COM MARIA JOSÉ, LIDERANÇA DO QUILOMBO SÃO JOSÉ DE ICATU

---

**Samia Maírla Viana Pimentel<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-9921-6378>  
<http://lattes.cnpq.br/4847319019648051>

**David Junior de Souza Silva<sup>2</sup>**

<http://orcid.org/0000-0003-2336-4870>  
<http://lattes.cnpq.br/4265076306351873>

## APRESENTAÇÃO

Maria José é quilombola da comunidade de São José de Icatu, localizada no município de Mocajuba, estado do Pará. A entrevista tematiza a história de vida de Maria José como liderança quilombola e sua atuação política, cuja razão de ser é a defesa do território e a cidadania quilombola.

**Pergunta 1:** Bom dia, dona Maria, muito obrigado por nos receber aqui para realizarmos esta entrevista sobre a sua experiência de vida e história como liderança quilombola. Nós gostaríamos de ouvir de início as características da sua atuação política. Nesse sentido, a primeira pergunta seria sobre se você acredita que haja diferenças entre a liderança mulher e a liderança homem.

**Maria José:** É assim, a diferença da liderança entre homens e mulheres, é porque sobre a mulher se diz que a mulher é muito frágil, que a mulher não sabe se defender, então essa é a diferença; mas não, a gente é forte, a gente consegue se defender e a gente consegue unir força com as outras mulheres. O tratamento diferente entre gêneros é muito complicado, porque os cargos maiores, sempre eles nos dizem “você não vai dar conta, você não consegue viajar sozinha”; então o tratamento diferente sempre gera esse impasse dizendo dessa fragilidade de não conseguir. Eu reajo e digo que eu sou capaz. Eu nunca deixei que me botassem para baixo, e menos ainda que botem as outras mulheres para baixo, então eu digo que eu sou capaz.

**Pergunta 2:** Então a senhora busca ser um exemplo aqui dentro para outras mulheres. É também como a senhora falou, é uma pessoa muito viajada em relação a participar de eventos, conferências. Isso já diz muito de como é que a senhora se posiciona diante dessa colocação que os homens fazem de que a mulher não pode ser líder, de que a mulher não consegue viajar sozinha porque supostamente ela é frágil. Gostaríamos de ouvir um pouco mais sobre isso: o que a senhora acha sobre o fato de ser mulher implica em sua atuação como liderança?

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Educação para as Relações Étnicorraciais pelo Instituto Federal do Pará – IFPA. Licenciada em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. E-mail: samiamairla25@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Coordenador do Núcleo de Estudos Sobre Etnopolítica e Territorialidades – NETTA/CNPq. E-mail: davi\_rosendo@live.com.

**Maria José:** Eu sendo mulher não implica muito porque as outras mulheres ajudam muito. Tudo eu sou capaz naquele que me fortalece, então primeiramente Deus e depois as outras mulheres me fortalecem. Então elas dizem para mim, não tenho assim dificuldade para enfrentar todos esses desafios que vem pela frente. Essa nossa união acontece dentro do grupo Flor da Roça. Só esse mês agora já recebemos muitos pesquisadores aqui, por esse motivo, e também não só eu, mas como as demais mulheres estão sendo também entrevistadas.

**Pergunta 3:** E o que é o trabalho do grupo Flor da Roça?

**Maria José:** No grupo Flor da Roça a gente desenvolve a polpa de fruta, uma horta comunitária e desenvolve outras coisas também, tem que ser psicólogo, tem que ser tudo dentro de um movimento desse né? (risos)

**Pergunta 4:** São reuniões que servem não apenas para trabalhar a parte financeira da comunidade, mas também trabalhar o psicológico, trabalhar a identidade da mulher, a politização, é isso?

**Maria José:** Isso. A gente tinha mutirões de trabalhos das mulheres. Aí algumas mulheres começaram a falhar nos mutirões, e a gente queria saber por que motivo. Começamos a sentir que às vezes os maridos brigavam em casa, aquela coisa toda. Com isso sentíamos que a mulher começava a sofrer depressão, foi então que a gente começou a montar esse grupo, com esse grupo a gente ia para a casa, para a calçada conversar, cantar e brincar com as mulheres que estavam dessa forma, nessa situação. Tudo começou aí, ano de 2010.

**Pergunta 5:** Foi aí que você começou a liderança?

**Maria José:** É, comecei na liderança em 2000, da Igreja Católica. Em 2004 comecei a trabalhar na Comunidade Quilombola. Aí em 2008 eu já fui para o Estado, quando me elegeram como Conselho Diretor da Malungo, que é uma entidade que agrega as comunidades quilombolas do Estado do Pará. Aí de lá já venho trabalhando todos esses anos lá.

**Pergunta 6:** A senhora pode nos dizer como foi que a senhora se viu como liderança? Foi através dos seus pais? Na sua infância ou adolescência?

**Maria José:** A influência foi as necessidades que eu via dentro da comunidade. Em 2010 para trás nossa vida era muito precária, muito mesmo, nós vivíamos em situação de calamidade. Aí eu comecei a ir para assembleia do Povo de Deus que é a Igreja Católica. A Igreja Católica tinha um projeto muito bom, que se falava em projetos sociais, como a pastoral da criança, e lá eu descobri também alguns projetos sociais para algumas comunidades. E com isso, já estava criado um grupo de quilombolas aqui que no começo era só um grupo pequeno de pessoas, não era todo mundo que tinha conhecimento, então nós começamos a se engajar todo mundo e eu, que sou meio faladeira, comecei a me prontificar a participar dos eventos. Eu não tinha muito assim ideia, mas eu ia e escrevia tudo, tudo, tudo. Eu tenho caderno que, meu Deus do céu! Eu escrevia para poder repassar direitinho, que eu queria repassar. Na época eu não tinha celular para gravar as aulas, então eu tive muita dificuldade, mas fui aprendendo. Eu só tinha a segunda série, aí eu voltei a estudar porque eu queria, e meu sonho era me formar em Ciências Humanas. Depois veio um curso pelo CEDENPA<sup>3</sup> e eles me ajudaram muito. A Zélia Amador, é uma pessoa muito fortalecida pelas lutas dos negros e principalmente dos

<sup>3</sup> A Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará.

quilombolas né? Eu ganhei uma bolsa e consegui me formar nesse curso. Eu fiz o 1, 2 e 3, aí no terceiro eu dizia pra ela: “Professora eu estou pronta pra trabalhar para as comunidades até o resto da minha vida”.

**Pergunta 7:** Então a gente vê que a senhora foi a primeira a puxar o movimento das mulheres em relação a comunidade. Como a senhora disse, foi através do seu interesse e desejo de existir coisas na comunidade que a senhora achava necessário ser realizado por uma mulher?

**Maria José:** É foi através desse aconchego foi isso que aconteceu, a necessidade que a gente via, foi isso mesmo que aconteceu.

**Pergunta 8:** A senhora pode me dizer, em questão a sua família, os seus pais, a senhora deve ter irmãos e irmãs, eles são uma dessas bases que a senhora citou para continuar na liderança? Além da importância que a senhora vê de haver necessidades na comunidade que só uma mulher consegue ver e lutar por isso?

**Maria José:** Sim, os meus pais são uma base muito boa e eu tenho uma irmã que está com 60 e poucos anos, ela foi a primeira a participar realmente né? Ela foi a primeira presidente dessa comunidade e com isso ela me fortaleceu muito também.

**Pergunta 9:** A senhora tem sete filhos correto. E como é a relação dos seus filhos com a senhora como mulher liderança, como eles se posicionam diante dessa questão?

**Maria José:** É, eles primeiro não aceitaram muito porque praticamente eu não moro em casa, eu vivo viajando. Mas faltou uma parte que eu queria contar. Que em 2006 eu tinha marido, e em 2006 foi o primeiro encontro das Mulheres Quilombolas Negras no Pará e eu fui inscrita para ir, mas nesse intervalo que eu fui inscrita para ir, o meu marido que estava comigo não aceitou que fosse e aí ele me cortou sabe? E tudinho, aí eu não pude ir, e foi a minha irmã que foi no meu lugar. Com isso, eu comecei a estudar a possibilidade e fiz a denúncia, mas na época não tinha lei, por incrível que apareça, eu fui cortada no dia 14 de maio de 2006 e a Maria da penha foi aprovado dia 26 de agosto de 2006. Então ele ficou solto, morando na comunidade ainda, então isso foi uma dificuldade muito grande, eu acho que isto foi para mim engajar mais. Depois disso eu pedi para Deus se ele não me matasse que eu ia viver o resto da minha vida trabalhando em prol das pessoas.

**Pergunta 10:** Depois que a senhora fez a denúncia? Ele se afastou da senhora? Como ocorreu isso?

**Maria José:** Foi, se afastou, a gente dividiu o que tínhamos, e ele se afastou. Tínhamos duas casas aqui dentro. A gente tinha várias coisas assim que ele era muito trabalhador né, a gente acabou tudo aquilo, como faz ele, como eu ficamos na miséria, porque ele estava com medo de tomar dele e ele de mim, começamos a vender, que conseguimos ficar com uma casa aqui e dei a metade para ele e fiquei com a metade. Hoje em dia não temos mais contato, ele tem outra esposa né, morou aqui na vila e com isso ele também fez outra briga aqui que furou um rapaz e aí tivemos que afastar ele da comunidade. Mas não foi por mim que ele foi afastado, mas sim por esse outro motivo, foi uma liderança.

**Pergunta 11:** Então este já foi um dos primeiros obstáculos que foram impostos para a

senhora ao tentar se posicionar como liderança, quando a senhora quando foi chamada para essa conferência e não pode ir por causa desse empecilho, dessa violência doméstica, não é? Se a senhora se sentir à vontade em contar, existiram outros obstáculos a sua atuação?

**Maria José:** A única coisa que tentaram, é que diziam que era por causa da falta de estudo. Tentaram muito me impedir dizendo: “ah mas fulano tem mais estudo que você”. Até que um dia eu fiz uma prova dos nove, fiz um curso para professora e passei, só que eu não exerci o cargo porque eu não tenho dom e também eu nunca quis mesmo. Fiz o Encceja<sup>4</sup> também. Eu queria mais, e fui chamada também para uma reunião da CUT<sup>5</sup>. Foi chamada uma liderança aqui da comunidade, como era para ir sozinha, ninguém se habilitou a ir, então eu me prontifiquei. Isso foi em 2008. Fui sozinha daqui, me virando, me perguntando, quando cheguei, que eu sentei no avião, na minha poltrona, o cara veio e disse que não, o “brancão” veio e disse que eu não tinha comprado a passagem. Eu respondi que era um engano que estava acontecendo. Aí tinha um pessoal de Capanema lá também que era também o primeiro evento que iam da CUT. Levantaram e comigo começamos a discutir, o cara acabou sendo preso na mesma hora, por discriminação, por racismo. Como eu saí no jornal por essa notícia, eu fiquei muito conhecida e graças a Deus continuei, pensei que eu não ia conseguir chegar lá, mas não, eu consegui me expor e vivenciar muito bem a conferência que eu tinha ido fazer. A representar meu povo.

**Pergunta 12:** Podemos então dizer que o racismo e o sexismo também foram e são obstáculos para sua atuação política. Nesse episódio então foi uma mobilização que seus companheiros fizeram para que houvesse uma resposta adequada.

**Maria José:** Foi. Porque ele tentou pegar no meu braço e me tirar do avião, aí o pessoal veio, foi feita essa mobilização muito rápido. Então lá dentro do avião eu fiz amizade, muitas amizades.

**Pergunta 13:** Para a gente finalizar, gostaríamos que a senhora disse às jovens mulheres negras lideranças como a senhora entende que as mulheres negras devem se posicionar diante dessa sociedade que quer silenciá-las, que quer impedi-las de exercer papel de liderança dentro de comunidades. Que conselho a senhora dá a partir da sua rica atuação política.

**Maria José:** Eu digo a elas que todas elas são capazes, a força vem das mulheres que se juntam, e que não desistam.

**Entrevistadores:** Muito obrigada dona Maria, por sua entrevista, por compartilhar seu tempo e seu conhecimento conosco. Espero que a pesquisa que realizo possa contribuir com sua luta e também que espero que nós possamos nos encontrar mais vezes.

---

<sup>4</sup> Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

<sup>5</sup> Central única dos trabalhadores.